International Journal of Advanced Engineering Research and Science (IJAERS)
Peer-Reviewed Journal
ISSN: 2349-6495(P) | 2456-1908(O)
Vol-9, Issue-8; Aug, 2022
Journal Home Page Available: https://ijaers.com/
Article DOI: https://dx.doi.org/10.22161/ijaers.98.49



Relations and Interactions between Urban and Rural Spaces

Relações e Interações Entre os Espaços Urbanos e Rurais

Márcia Estela Daltoé Krampe

Received: 31 Jul 2022,

Received in revised form: 21 Aug 2022,

Accepted: 25 Aug 2022,

Available online: 30 Aug 2022

***Keywords*— Urban spaces. Rural spaces. Relationships and interrelationships and complementarity. Countryside.**

***Palavras-chave*— Espaços urbanos. Espaços rurais. Relações e inter-relações e complementaridade. Cidade-campo.**

***Abstract*— This work promotes critical reflection on the constitution, structure and dynamics of relations, interrelations, interactions and socio-spatial and economic contradictions existing between urban and rural spaces, in different geographical spaces, on a regional scale, and present in the process of regional development. The central issue is the city-countryside and urban-rural themes in the regional development process. Productive restructuring and the new (inter) relations and contradictions between urban and rural: relations, contradictions and interdependencies. Relations between city and countryside, and between cities, and processes of cooperation, cohesion and territorial competition: rural and urban development. State and public policies in the articulation between rural and urban.*

***Resumo*— Este trabalho promove a reflexão crítica sobre a constituição, a estrutura e a dinâmica das relações, inter-relações, interações e contradições socioespaciais e econômicas existentes entre espaços urbanos e rurais, em distintos espaços geográficos, na escala regional, e, presentes no processo de desenvolvimento regional. A questão central é a temática cidade-campo e urbano-rural no processo de desenvolvimento regional. A reestruturação produtiva e as novas (inter) relações e contradições entre o urbano e o rural: relações, contradições e interdependências. As relações entre cidade e campo, e entre cidades, e processos de cooperação, coesão e competição territorial: desenvolvimento rural e urbano. Estado e políticas públicas na articulação entre o rural e o urbano.*

I. INTRODUÇÃO

Santos (2004) e Silveira (2003) afirmam que, provavelmente, em torno de 20 anos, as cidades terão ocupado completamente a fronteira agrícola nessas áreas e o processo se reverterá de forma mais intensiva e também percolativa. Principalmente, as cidades de porte médio que estão ligadas a formas modernas de produção e consumo estimuladas pela renda da agricultura moderna e um parque industrial associado ao setor primário. Se a cidade é a materialização das condições gerais de reprodução do capital, a cidade do agronegócio é aquela cujas funções de atendimento às demandas do agronegócio globalizado são hegemônicas sobre as demais funções. Abramovay (2007) enfatiza que haverá urbano, desde que haja uma extensão de serviços públicos a certo aglomerado populacional.

O Brasil é um exemplo de país onde é definido como urbana, as sedes distritais com algumas centenas de casas. O mesmo reforça a ideia de que nem toda aglomeração urbana provida de um mínimo de serviços pode ser adequadamente chamada de cidade.

Na perspectiva de Sposito (2006), a unidade espacial urbana cedeu lugar ao binômio urbano/rural no decorrer do longo processo de urbanização, o que resultou

na incapacidade de distinguir onde acaba a cidade e começa o campo. Para a autora, as formas confundem-se porque as relações se intensificam e os limites entre os dois tornaram imprecisos, o que favorece o pensamento de uma nova unidade territorial contendo, contraditoriamente, os dois espaços que são resultado e condição das formas de produção.

Estas transformações acentuaram, em dado momento, a possibilidade de diferenciação entre o campo e a cidade, especialmente em razão dos avanços técnicos provocados, que significaram a ampliação da centralização econômica e social da cidade, tornando seu modo de vida e organização singulares em relação ao restante do espaço. Entretanto, o advento da Revolução Industrial, intensificou as relações entre o urbano e o rural, e, "introduziu uma confusão total" (BEAUJEU-GUARNIER, 1997).

O aprofundamento das mudanças decorrentes do processo de industrialização e da constituição do meio técnico-científico- informacional proporcionou uma reconfiguração no modo de organização socioespacial da sociedade, promovendo alterações na composição das densidades espaciais, na dinâmica de interligações e nas significações funcionais da cidade e do campo, o debate a respeito da questão da interpretação sobre o que é cidade e campo e sobre o que é urbano e rural adquiriu importância no debate acadêmico, instigando muitos pesquisadores a aprofundarem-se na temática como Sposito (2006) e Rosa & Ferreira (2006).

Este debate foi revigorado pela observância de alguns fatos novos que marcam a reorganização da sociedade, tais como: Atividades não tradicionais que passaram a desenvolver-se no campo, configurando uma "resignificação" do rural, desde a utilização de novos produtos agropecuários, decorrentes do processo de industrialização da agricultura, após a "Revolução Verde", e a questão do assalariamento dos trabalhadores do campo. Atividades caracterizadas por não serem tipicamente agropecuárias, como aquelas vinculadas à prestação de serviços, atividades de entretenimento ou mesmo moradia. A falta de critérios mais precisos para a definição do que é cidade e por oposição o que é campo, acabam revelando um processo de urbanização questionada (ETGES; SILVEIRA; TALASKA, 2018).

Na antiguidade os limites campo-cidade podiam ser considerados nítidos, na atualidade tal afirmativos não é mais verdadeira. Isso decorre, sobretudo, por uma série de transformações socioespaciais que ocorreram principalmente após a Revolução Industrial (SPOSITO, 2006).

O aprofundamento das mudanças decorrentes do processo de industrialização e da constituição do meio técnico-científico- informacional proporcionou uma reconfiguração no modo de organização socioespacial da sociedade, promovendo alterações na composição das densidades espaciais, na dinâmica de interligações e nas significações funcionais da cidade e do campo, o debate a respeito da questão da interpretação sobre o que é cidade e campo e sobre o que é urbano e rural adquiriu importância no debate acadêmico, instigando muitos pesquisadores a aprofundarem-se na temática como Sposito (2006) e Rosa & Ferreira (2006).

Este debate foi revigorado pela observância de alguns fatos novos que marcam a reorganização da sociedade, tais como: Atividades não tradicionais que passaram a desenvolver-se no campo, configurando uma "resignificação" do rural, desde a utilização de novos produtos agropecuários, decorrentes do processo de industrialização da agricultura, após a "Revolução Verde", e a questão do assalariamento dos trabalhadores do campo. Atividades caracterizadas por não serem tipicamente agropecuárias, como aquelas vinculadas à prestação de serviços, atividades de entretenimento ou mesmo moradia. A falta de critérios mais precisos para a definição do que é cidade e por oposição o que é campo, acabam revelando um processo de urbanização questionada (ETGES; SILVEIRA; TALASKA, 2018).

Na antiguidade os limites campo-cidade podiam ser considerados nítidos, na atualidade tal afirmativos não é mais verdadeira. Isso decorre, sobretudo, por uma série de transformações socioespaciais que ocorreram principalmente após a Revolução Industrial (SPOSITO, 2006).

II. RELAÇÕES RURAL-URBANO: RETROSPECTIVA HISTÓRICA

Ferrão (2000) ressalta que, historicamente, o mundo rural destaca-se por se organizar em torno de uma tetralogia de aspectos bem conhecida:

- uma função principal: a produção de alimentos;
- uma atividade econômica dominante: a agricultura;
- um grupo social de referência: a família camponesa, com modos de vida, valores e comportamentos próprios;
- um tipo de paisagem que reflete a conquista de equilíbrios entre as características naturais e o tipo de atividades humanas desenvolvidas.

Este mundo rural secular opõe-se claramente ao

mundo urbano, marcado por funções, atividades, grupos sociais e paisagens não só distintos, mas, também, em grande medida construídos "contra" o mundo rural. Esta oposição tende a ser encarada como "natural" e, por isso, recorrentemente associada a relações de natureza simbiótica: campo e cidade são complementares e mantêm um relacionamento estável num contexto aparente, marcado pelo equilíbrio e pela harmonia de conjunto (FERRÃO, 2000).

2.1 Mundo rural arcaico e mundo urbano-industrial moderno: complementaridade e contrariedades

De acordo com Ferrão (2000), a Revolução Industrial iniciada no século XVIII veio alterar a situação, com o surgimento emergente de uma nova sociedade urbano-industrial que acarretou duas consequências principais para as áreas rurais.

Por um lado, inicia-se um acentuado processo de perda de centralidade econômica, social e simbólica por parte do mundo rural. Por outro lado, este tende a ser globalmente identificado com realidades arcaicas, enquanto as aglomerações urbano-industriais são vistas como o palco, por excelência, do progresso. A relação rural-urbano não pode deixar de refletir esta alteração profunda, forjando-se novas complementaridades e modificando-se sua natureza (MATHIEU,1998).

Cavaco e Carminda (1999) afirmam que as relações de complementaridade rural- urbano, ao mesmo tempo em que a sua natureza tradicional simbiótica vem dando lugar a interdependência, mesmo sendo reconhecidas como assimétricas ou divergentes perde importância relativa, face à emergência de aglomerações urbano-industriais mais "autônomas" e com maior capacidade de polarizar, do ponto de vista funcional, as áreas envolventes.

2.2 Mudam-se os tempos, mudam-se as relações: a nova dicotomia pós-rural/urbano

A industrialização da agricultura, particularmente visível a partir do final da 2ª Guerra Mundial, veio introduzir uma nova inflexão importante, ao fraturar o mundo rural em duas realidades bem distintas: o *mundo rural moderno* e o *mundo rural tradicional*. Pela primeira vez na história da humanidade, a oposição rural-urbano começa a não ser vista como a mais decisiva, na medida em que a modernidade deixa de constituir um exclusivo das áreas urbanas (CAVACO; CARMINDA, 1999).

Começa, assim, a ganhar consistência uma nova dicotomia pós-rural/urbano, que valoriza antes a oposição existente entre um mundo moderno (que pode ser urbano-industrial ou rural) e um mundo arcaico (predominantemente rural). É verdade que continua a persistir a ideia de que o mundo rural se encontra num processo estrutural de marginalização econômica, social e simbólica. Mas a forte mercantilização da produção agrícola em massa vem deslocara fronteira das grandes oposições, chamando a atenção para o fato de nem todas as áreas rurais estarem condenadas aos processos de agonia do "velho" mundo tradicional (FERRÃO, 2000).

Neste novo contexto, conforme Ferrão (2000), a relação rural-urbano bifurca-se, dando origem a uma partição das áreas rurais em função da sua proximidade (física, mas também funcional e socioeconômica) aos principais centros urbanos. A diferenciação entre áreas rurais "centrais", "periféricas" e "marginais" ou ainda a designação de "áreas rurais profundas" evidenciam, com clareza, esta nova situação.

Entre os centros urbanos e as áreas rurais "centrais" ou "periféricas" prossegue a tendência anterior de diversificação de relações de complementaridade desenvolvidas num quadro fortemente assimétrico. Pelo contrário, entre o mundo urbano e as áreas rurais "marginais" ou "profundas" as relações de complementaridade ativa vão-se dissipando, já que estas últimas, alvo de uma sangria continuada de pessoas e recursos e com condições de acessibilidade particularmente desfavoráveis, pouco interesse desperta nos citadinos. No entanto, a partir dos anos 80 assiste-se à invenção social de uma nova realidade: o mundo rural não agrícola. Esta perspectiva introduz elementos novos no modo de encarar os mundos rurais e urbanos, em si e na forma como se relacionam (FERRÃO, 2000).

III. RELAÇÕES E INTER-RELAÇÕES ENTRE O ESPAÇO RURAL E ESPAÇO URBANO

Jacinto, Mendes e Perehouskei (2012), consideram que o desenvolvimento econômico regional está no centro dos assuntos urbanos, locais, rurais e regionais. Isso se traduz por ações que visam encontrar, para uma determinada zona, um equilíbrio entre o fortalecimento de sua capacidade concorrencial e a melhoria da qualidade de vida de seushabitantes.

O processo de industrialização da agricultura tem eliminado gradativamente a separação entre a cidade e o campo, entre o rural e o urbano, unificando-o dialeticamente. Isto quer dizer que campo e cidade, cidade e campo formam uma unidade contraditória. Uma unidade onde a diferença entre os setores da atividade econômica (agricultura, pecuária e outros, em um; indústria, o comércio, etc., em outro) vai sendo soldada de um lado pela presença, na cidade, do trabalhador assalariado (boia-fria) do campo. De outro lado, pode-se constatar que a industrialização dos produtos agrícolas pode ser feita no

campo com os trabalhadores das cidades. Tudo indica que o desenvolvimento do capitalismo está consolidando a união "contraditória" da agricultura e da indústria, do campo e da cidade, que ele mesmo separou no início de sua expansão (JACINTO, MENDES; PEREHOUSKEI, 2012).

Atingir esse objetivo exige a criação de novas formas de parcerias, quer sejam públicas, privadas, nacionais, regionais ou locais. Estímulos a projetos, iniciativa rural, ação urbana, tudo isso decorre da mesma ideia, segundo a qual as contribuições locais permitem operar mudanças significativas na paisagem socioeconômica territorial (FELIPI, 2016).

Santos (2004) propõe que a clássica divisão rural e urbano no Brasil, seja substituída pela divisão em dois grandes subtipos: "os espaços agrícolas e os espaços urbanos", as regiões agrícolas e não rurais contém cidades; as regiões urbanas contém atividades rurais, assim teríamos áreas agrícolas contendo cidades adaptadas às suas demandas e áreas rurais adaptadas às demandas urbanas. Assim, avançando sobre os processos que regem a expansão da urbanização e das novas funções exercidas pelas cidades, lócus da gestão da agricultura científica e do agronegócio globalizado, Santos (2000) e Elias (2009a) denominam tais espacialidades como cidades do agronegócio.

IV. RELAÇÕES E CONTRADIÇÕES ENTRE O URBANO E O RURAL

Conforme Talaska, Silveira e Etges (2014), a definição do urbano e do rural a partir dos critérios anteriormente mencionados, de forma descontextualizada, sem analisar a historicidade presente nos fatos e processos, parece estático demais. Essa afirmação está relacionada com a necessidade de se entender a dinâmica da sociedade em sua totalidade, na qual a simples distinção e oposição urbano-rural não são suficientes.

A partir das perspectivas mencionadas de forma generalizada, o entendimento da existência de uma oposição entre urbano e rural, a abordagem da "diferenciação social", possibilita, enquanto procedimento analítico, considerar os processos de "relação entre cidade e campo" (SPOSITO, 2006).

E dessa forma, revelar os sentidos e papéis desses espaços e consequentemente a unicidade e complementaridade compreendida por esse par dialético Assim, para a definição do urbano e do rural, é importante a compreensão dos movimentos e forças que os articulam e os produzem, o que exige não apenas a apreensão dos fatos, mas uma teoria, no âmbito da qual os conceitos de urbano e rural constituem-se em ferramentas fundamentais para se compreender cidade e campo (SPOSITO, 2006).

Clarificando essa afirmativa Beaujeu-Garnier (1997) indica que a cidade, enquanto "concentração de homens, de necessidades, de possibilidades de toda a espécie, com uma capacidade de organização e transmissão, é ao mesmo tempo sujeito e objeto". É objeto por se constituir materialmente "o quadro urbano", e é sujeito por "exercer influência nos seus habitantes", mantendo ligações complexas com espaços que ultrapassam o seu quadro urbano.

Mesmo considerando que a cidade é marcada pelo predomínio de relações secundárias e de negociações e o campo pelas relações primárias, Wirth (1987) afirma que os modos de vida produzidos nesses espaços, se interpenetram. Para esse autor, o urbano e rural não devem ser interpretados como opostos ou como espaços e modos de vida separados e sem contato.

O modo de vida produzido na cidade, o urbano, é influenciado, em certa medida, pelo modo de vida produzido no campo, o rural, e do mesmo modo, o "urbanismo" é espraiado para além das fronteiras da cidade, denotando a ideia de cultura urbana. Nas palavras de Wirth (1987): "o urbanismo" não está confinado a tais localidades, mas manifesta-se em graus variáveis onde quer que cheguem as influências das cidades. De maneira geral, essas possibilidades de abordagens teóricas trazem perspectivas urbanas, por meio das quais, se pode buscar a compreensão das transformações histórico-espaciais da sociedade.

Reiterando algumas considerações, pode-se ressaltar que a quantificação e também a qualificação do urbano e do rural não se resume à estipulação de critérios ou da simples ponderação de atributos. Essas abordagens teóricas indicam a apreensão de que se pode conceber cidade-campo e urbano-rural como categorias diferenciadas. As primeiras, campo e cidade, entendidas enquanto materialidade, meio, condição e produto da sociedade, espaços construídos/modificados que manifestam em seus conteúdos os processos contraditórios de desenvolvimento histórico da sociedade. E as segundas, o urbano e o rural, compreendidas enquanto relações sociais, ou seja, formas abstratas, também condição e produto do desenvolvimento histórico da sociedade, mas que extrapolam os limites morfológicos da cidade e, no sentido inverso, os limites do campo (TALASKA; SILVEIRA; ETGES, 2014)

V. INTERDEPENDÊNCIA ECONÔMICA E SOCIAL ENTRE CAMPO E A CIDADE: O RURAL E O URBANO

Conforme Talaska, Silveira e Etges (2014), a definição do urbano e da rural "forma descontextualizada, sem analisar a historicidade presente nos fatos e processos, parece estático demais". Essa afirmação está relacionada com a necessidade de se entender a dinâmica da sociedade em sua totalidade, na qual a simples distinção e oposição urbano-rural não são suficientes.

Nesse sentido, se as perspectivas mencionadas anteriormente trazem, de forma generalizada, o entendimento da existência de uma oposição entre urbano e rural, a abordagem da "diferenciação social", possibilita, enquanto procedimento analítico, considerar os processos de "relação entre cidade e campo". E dessa forma, revelar os sentidos e papéis desses espaços e consequentemente a unicidade e complementaridade compreendida por esse par dialético (BERNADELLI, 2006).

Assim, para além dos critérios e atributos para a definição do urbano e do rural, é importante a compreensão dos movimentos e forças que os articulam e os produzem, o que exige não apenas a apreensão dos fatos, mas uma teoria, no âmbito da qual os conceitos de urbano e rural constituem-se em ferramentas fundamentais para se compreender cidade e campo.

Explicitando essa afirmativa Beaujeu-Garnier (1997) indica que a cidade, enquanto "concentração de homens, de necessidades, de possibilidades de toda a espécie [...], com uma capacidade de organização e transmissão, é ao mesmo tempo sujeito e objeto". É objeto por se constituir materialmente ["o quadro urbano"], e é sujeito por "exercer influência nos seus habitantes", mantendo ligações complexas com espaços que ultrapassam o seu quadro urbano. Assim, o papel da cidade engloba a "noção de difusão de um bem ou de um rendimento e a do limiar da sua população" indicando a tendência do urbano se alargar para além dos seus limites e consequentemente permitindo a separação dos conceitos de cidade eurbano, mesmo ambos possuindo conexões profundas.

Mesmo considerando que a cidade é marcada pelo predomínio de relações secundárias e de negociações e o campo pelas relações primárias, Wirth (1987) afirma que os modos de vida produzidos nesses espaços se interpenetram. Para esse autor, o urbano e rural não devem ser interpretados como opostos ou como espaços e modos de vida separados e sem contato. O modo de vida produzido na cidade, o urbano, é influenciado, em certa medida, pelo modo de vida produzido no campo, o rural, e do mesmo modo, o urbanismo é espraiado para além das fronteiras da cidade, denotando a ideia de cultura urbana. Nas palavras do autor: "o urbanismo não está confinado a tais localidades, mas manifesta-se em graus variáveis onde quer que cheguem as influências das cidades".

Para Lefebvre (2001), a relação cidade-campo torna a cidade um centro de decisão e aparentemente de associação e, desse modo, "a cidade em expansão ataca o campo, corrói-o, dissolve-o".

Simultaneamente, a condição de vida urbana penetra na condição de vida do campo, transformando características e elementos tidos como tradicionais, num processo marcado, às vezes, por resistências. Essas formas abstratas, surgidas e derivadas da cidade ou do campo, mantêm constante embate entre si no tempo-espaço e acabam modificando pouco a pouco a configuração e o padrão de organização da sociedade, revelando, por exemplo, alterações nos "modos de vida" e, inclusive, possibilitando a constituição de uma nova condição de vida da sociedade (TALASKA; SILVEIRA; ETGES, 2014).

Assim, a compreensão da essência da cidade e do campo, suas relações, analogias e contradições, passa pela consideração da intrínseca relação sociedade-natureza, onde através de um processo dialético, materializado pelo trabalho, pelas relações sociais, pelos "sistemas técnicos e sistemas de ações, a sociedade se organiza espacialmente e reproduz seu espaço, num processo indissociável com a natureza. Acredita-se, portanto, que a compreensão do urbano e do rural, enquanto relações derivadas da cidade e do campo, requer a consideração da dialética, onde a organização da sociedade no tempo-espaço se desenvolve através de movimentos, de mudanças, de processo de transformações, considerando o desenvolvimento das forças produtivas e a estruturação econômica e social. É a partir do olhar histórico e dialético sobre a cidade, o campo e suas relações que se percebe que nenhuma das suas configurações são definitivas. Tudo tem uma forma anterior e uma forma posterior. Tudo está em movimento. Houve e há processos de mudança, de transformação, onde novos elementos, novas funções, novas ruralidades e novas urbanidades são verificados.

Dessa forma, o espaço geográfico não só se transforma e se configura em campo ou cidade, mas mantém traços que não são simplesmente puros de um ou de outro. Assim, no interior das relações urbanas ou rurais existem forças que se embatem, pois mantém características de polos opostos. Estas forças tendem para a afirmação e para a negação de características urbanas e rurais (JACINTO, 2013).

Logo, o entendimento e a compreensão do urbano e do rural passam pela lógica da afirmação, negação e negação da negação. As relações tipicamente urbanas ou rurais apresentam contradições, enquanto um agrupamento de relações é negado por não possuir

característica que o outro possui, o outro agrupamento de relações que possui tal característica é valorizado, portanto afirmado. Exemplo: o campo é afirmado por ter a capacidade de gerar alimentos para serem comercializados e consumidos na cidade ou por proporcionar usos dificilmente possíveis de serem realizados nas cidades; entretanto, é negado por carecer de serviços urbanos, típicos da cidade. Assim, um espaço é afirmado pelo que possui, mas é negado pelo que não possui, num processo contraditório de presença e ausência. A afirmação de um espaço se dá pela negação do outro espaço. Nota-se, nenhuma deixa de existir por isso, pelo contrário (SILVEIRA, FELIPPI, 2018).

Endlich (2006) afirma que as diferenças entre os espaços rurais e urbanos se apresentam de forma a complementar-se, mas não se tornando homogêneos. Do ponto de vista da dialética, a cidade, por exemplo, é ao mesmo tempo o urbano e é o seu contrário, o rural. A cidade não existe sem o rural e o campo não existe sem o urbano. Embora, haja oposição e diferenças entre a cidade e o campo, ambos só existem a partir de seu contrário. Isso equivale a dizer que uma afirmação não é absoluta, pois a afirmação contém uma parte da negação, exemplo: o campo, produtor de alimentos para comercializar na cidade, contém em si a necessidade dos serviços e características urbanas para existir, é a afirmação que contém parte da negação. Logo, por a cidade e o campo e suas relações, o urbano e o rural, conterem afirmações e negações conflitantes, eles se transformam, se modificam num terceiro termo que é a negação da negação, asíntese.

De acordo com Talaska, Silveira e Etges (2014), o movimento de afirmação-negação ajuda na compreensão das modificações que ocorrem nesses espaços, nas suas relações e na permanência das suas características próprias. Há, pois, movimento de territorialização de atividades urbanas sobre o campo e consequentemente de desterritorialização de atividades

rurais, mas há, também, a transformação do rural e do urbano num sentido que, enquanto síntese dessas contradições, geram uma nova realidade.

Conforme Damiani (2008), não existe o desaparecimento da cidade e do campo como unidades espaciais distintas, mas, a constituição de áreas de transição e contato entre esses espaços que se caracterizam pelo compartilhamento, no mesmo território, ou em micro parcelas territoriais justapostas e sobrepostas, de usos do solo, de práticas socioespaciais e de interesses políticos e econômicos associados ao mundo rural e ao urbano.

Assim, essa proposição consegue conter contraditoriamente o urbano e o rural "superpostos, amalgamados e intrinsecamente relacionados. Essa superposição, além de superar a oposição entre o campo e a cidade, engloba todo o ritmo de mudanças recentes que marcam a organização da sociedade, resultados da lógica da produção territorial da cidade no modo de produção capitalista.

A noção do *continuum* implica considerar a existência de uma graduação entre o urbano e o rural, de modo que se pode identificar diferentes níveis escalares de relações urbanas ou rurais, os quais seriam níveis de transição entre os extremos urbano e rural.

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta contribuição, num primeiro momento, foi tecer considerações teóricas acerca das categorias do Rural e do Urbano e suas relações entre si. O estudo da relação entre campo e cidade e, rural e urbano necessita de uma visão dialética e abrangente, que incorpore as potencialidades e os atores sociais presentes, tanto no campo, quanto na cidade.

Outro ponto a ser considerado verifica-se na realidade urbana e na realidade rural, que não são estanques e, ultimamente, têm passado por rápidas e intensas transformações, as quais ressoam de forma direta na reorganização do espaço, na redefinição de relações e na constituição de novas territorialidades. Por isso, acredita-se ser um equívoco, pensar a extinção dos espaços rurais em função do avanço do processo de urbanização e, consequentemente, de haver um *continnum* rural urbano, visto que, campo e cidade são espaços que se diferenciam frente ao fortalecimento de suas peculiaridades.

É fato que a revolução técnico-científica comprometeu as relações entre o rural e o urbano. A preocupação maior nesse início de século é compreender as modificações que os atores sociais imprimem a essas categorias que se mesclam dialeticamente num *continuum* rural-urbano.

A análise da relação campo e cidade e, rural e urbano tem avançado, onde se acredita ser essencial entender o rural para além do campo e o urbano para além da cidade, pois campo e cidade são partes integrantes do todo, mesmo que às vezes, o campo não seja tão rural e a cidade nem tão urbana, eles não se opõem, excluindo-se mutuamente, ao contrário, se complementam, justamente pelas diferenças. Em suma, desaparece todo o sentido em tratar o rural exclusivamente como o oposto do urbano, em proclamar seu desaparecimento, ou em resumi-lo a apenas uma de suas dimensões.

A tentativa de utilização de diferentes critérios e

atributos para esclarecer a questão e elucidar a diferenciação entre o que é cidade/urbano e o que é campo/rural não atendem a compreensão da problemática em sua plenitude, visto sua complexidade.

Considera-se pertinente, manter estudos quanto às abordagens teórico-metodológicas para a interpretação da questão, pela potencialidade de qualificação das categorias analíticas cidade/campo e urbano/rural, que parece ser o grande problema em questão; e, consequentemente, pelo fato da possibilidade de compreensão da dinâmica das relações e contradições que compõem a sociedade no tempo-espaço.

REFERÊNCIAS

[1] ABRAMOVAY, Ricardo. Disponível em <http://ricardoabramovay.com/categoria/artigos-cientificos/2007-artigos-cientificos/>. Acessado em agosto 2018.

[2] BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline. **Geografia Urbana**. Lisboa: Fundação CalousteGulbenkian, 1997.

[3] BERNARDELLI, Maria L. F. H. Contribuição ao debate sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, Maria E. B. (Org.). **Cidade e Campo**: relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p.33-52.

[4] CAVACO, Carminda (Coord.). **Desenvolvimento Rural**. Desafio e Utopia, Estudos para o Planeamento Regional e Urbano nº 50, Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1999.

[5] DAMIANI, Amélia Luisa. **Espaço e Geografia**: Observações de Método - Elementos da obra de Henri Lefebvre e a Geografia. Ensaio sobre Geografia Urbana a partir da Metrópole de São Paulo. Tese de Livre Docência – Universidade de São Paulo, 2008.

[6] ELIAS, D. **"Agronegócio e novas tendências da urbanização brasileira"**. Projeto de Pesquisa. Fortaleza: UECE, 2009a.

[7] ENDLICH, Ângela Maria. Perspectivas sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, Maria E. B. (Org.). **Cidade e Campo**: relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

[8] FELIPPI, A.C.T. et al. II SEMINÁRIO ESTUDOS CULTURAIS E INTERLOCUÇÕES INTERDISCIPLINARES: RELAÇÕES ENTRE CULTURA E DESENVOLVIMENTO, 2016.

[9] FERRÃO, João. Relações entre mundo rural e mundo urbano: evolução histórica, situação actuale pistas para o futuro.**EURE,**Santiago, v. 26, n.78, set. 2000.http://dx.doi.org/10.4067/S0250-71612000007800006 .

[10] JACINTO, Janério Manoel. **O processo de urbanização e o desenvolvimento geoeconômico da cidade de Medianeira-PR**. Maringá, 2013.

[11] JACINTO, Janério Manoel; MENDES, César Miranda; PEREHOUSKEI, Nestor Alexandre. O rural e o urbano: contribuições para a compreensão da relação do espaço rural e do espaço urbano. **Revista Percurso – NEMO,** Maringá, v. 4, n. 2, p. 173-191, 2012.

[12] LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. 2.ed. Tradução Sérgio Martins. São Paulo: Centauro, 2001. Tradução de Rubens Eduardo Frias.

[13] MATHIEU, Nicole. **"La notion de rural etlesrapportsville/campagneen France**: lesannéesquatre-vingt-dix", ÉconomieRurale, 1998.

[14] REVISTA BIBLIOGRÁFICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES. Universidad deBarcelona, v. XIX, n. 1090, 15 de septiembre de 2014 [Serie documental de Geo Crítica. **Cuadernos Críticos de Geografía Humana**. ISSN: 1138-9796.

[15] ROSA, Lucelina Rossetti; FERREIRA, Darlene A. O. As categorias rurais, urbano, campo, cidade: a perspectiva de um continuum. In: SPOSITO, Maria E. B. (Org.). **Cidade e Campo**: relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p.187-204.

[16] SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 5.ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

[17] SAQUET, Marcos Aurélio. Por uma abordagem territorial das relações urbano-rurais no Sudoeste Paranaense. In: SPOSITO, Maria E. B. (Org.). **Cidade e Campo**: relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p.157-186.

[18] SILVEIRA, Maria Laura. A Região e a Invenção da Viabilidade do Território. In: SOUZA, Maria Adélia de. **Território Brasileiro Usos e Abusos**. Campinas, 2003.

[19] SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da; FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan (Orgs). **Territórios, redes e desenvolvimento regional**: perspectivas e desafios. Florianópolis: Insular, 2018.

[20] SPOSITO, Maria E. B. (Org.). **Cidade e Campo**: relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p.111-130. (Texto no Ead).

[21] SPOSITO, Maria E. B. A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade. In: **Cidade e Campo**: relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p.111-130.

[22] TALASKA, Alcione; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da; ETGES, Virginia Elisabeta. **Cidade e Campo**: para além dos critérios e atributos, as relações e contradicões entre o Urbano e o Rural. Universidade de Santa Cruz do Sul. Santa Cruz do Sul, 2014.